

## Como se casam os mineiros? Uma análise preliminar das taxas de endogamia feminina por raça/cor, escolaridade e religião em Minas Gerais

Luciene Aparecida Ferreira de Barros Longo\*

Palavras-chave: nupcialidade; raça/cor; *status* marital; escolaridade; religião

Área temática: Demografia

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo analisar os dados do Censo Demográfico 2010 buscando conhecer como se dão as uniões considerando as características dos casais mineiros. Com essa finalidade, foram calculadas as taxas de endogamia e exogamia considerando a raça/cor, a escolaridade e a religião dos cônjuges, características importantes para a formação das uniões. Os resultados sugerem que religião é a característica mais importante para a formação das uniões, considerando que, entre as uniões analisadas, as maiores taxas de endogamia foram encontradas para casais de mesma religião independente de seu *status* marital (casado ou unido).

---

\* Analista socioeconômico do IBGE e doutora em demografia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar, da Universidade Federal de Minas Gerais.

# Como se casam os mineiros? Um estudo exploratório das taxas de endogamia feminina por raça/cor, escolaridade e religião em Minas Gerais

Luciene Aparecida Ferreira de Barros Longo\*

## 1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar os dados do Censo Demográfico 2010 buscando conhecer como se dão as uniões considerando as características dos casais mineiros. Embora se conheça o padrão de casamentos no Brasil, não há estudos recentes que mostrem como os mineiros tem se unido. Características como raça/cor, escolaridade e religião ainda são uma incógnita para o conhecimento da formação das uniões em Minas Gerais. Por isso, este trabalho procura suprir parte dessa lacuna ao elaborar um estudo preliminar sobre a endogamia feminina no estado.

A união entre homens e mulheres continua sendo a forma mais comum de dar início a uma família, embora haja diversos tipos de arranjos familiares. Não há, no entanto, regras explícitas para a formação de um casal. As uniões podem ocorrer tanto entre grupos homogêneos (indivíduos de características semelhantes que se unem – endogamia) quanto entre grupos heterogêneos (união entre indivíduos com características distintas – exogamia).

Casamentos exogâmicos revelam a transposição das fronteiras sociais com a aceitação de um parceiro com uma característica marcadamente diferenciada. No entanto, alguns estudos mostram que essa aceitação pode ser fruto de uma negociação velada, onde o parceiro que possui uma característica de alto *status* aceita se casar com um indivíduo que possui uma característica de baixo *status* se houver uma compensação de outra característica individual. Nesse caso, casais de raça/cor distintas tendem a compensar essas diferenças por intermédio de outras características, tais como escolaridade, idade ou religião (Becker, 1981; Grossbard-Shechtman, 1993; Qian, 1997; Fu, 2001; Gullickson, 2006; Longo, 2011). Além dessas características, um outro fator parece integrar-se a processo de escolha: o tipo de união. Costa (2004) mostra em seu estudo que quando há um dos parceiros de raça/cor preta ou parda, há maiores chances da união ser informal.

Alguns estudos apontam para um aumento geral das uniões inter-raciais. Tanto para os Estados Unidos (Qian, 1997) quanto para o Brasil (Petrucci, 2001; Ribeiro e Silva, 2009; Longo, 2011) verifica-se que, embora a endogamia por cor ainda seja maioria para todas as classes de raça/cor ou etnia, há um movimento de redução dessa prevalência, pois tem aumentado os percentuais relativos à exogamia.

Quando se analisam raça/cor e outras características sócio-demográficas, tais como escolaridade e religião, por exemplo, é necessário considerar os efeitos que uma característica pode exercer sobre a outra. Qian (1997) destaca que, embora raça tenha um impacto na escolaridade tanto para maridos quanto para esposas, quando os indivíduos tomam suas decisões na escolha de um parceiro, eles não escolhem primeiro raça e depois escolaridade – essa é uma escolha simultânea. No entanto,

---

\* Analista socioeconômico do IBGE e doutora em demografia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar, da Universidade Federal de Minas Gerais.

mesmo não sendo possível separar essa escolha, a análise das uniões pode fornecer informações importantes desse processo de formação do casal.

O papel da religião, especificamente, é destacado por Kalmijn (1998) como um componente importante na formação das uniões inter-raciais, além do *status* socioeconômico. Nesse caso, há evidências que as uniões inter-raciais são mais comuns entre grupos de mesma fé (Kennedy, 1944), e também que as fronteiras raciais são mais fortes entre grupos étnicos que possuem religiões diferentes (Alba e Golden, 1986). Assim, ter a mesma religião parece atuar de forma a compensar as diferenças raciais.

Assim, buscando conhecer a formação das uniões em Minas Gerais, foram calculadas as taxas de endogamia e exogamia considerando a raça/cor, a escolaridade e a religião dos cônjuges, características importantes para essa formação. Para essa análise, foram escolhidas as mulheres de 20 a 29 anos com as respectivas características de seus maridos/companheiros.

## **2 A importância da raça/cor, da escolaridade e da religião para as uniões**

### **2.1 Evidências internacionais**

Os estudos sobre uniões inter-raciais têm experimentado um recrudescimento nos últimos 30 anos. Isso tem ocorrido, em parte, pela maior disponibilidade de dados que permitem uma investigação mais aprofundada do assunto. Embora as uniões inter-raciais nos Estados Unidos fossem raras no final do século XIX e início do século XX, elas sempre existiram. Gullickson (2006) utiliza os microdados dos Censo americanos para traçar a tendência dos casamentos inter-raciais (entre brancos e negros) de 1850 a 2000.

Nesse período, as uniões inter-raciais experimentaram movimentos distintos. Durante os anos de 1880 e 1930, devido à política discriminatória no sul e ao racismo latente em outras partes do país<sup>1</sup>, houve um decréscimo das uniões entre brancos e negros. No período pós-1930, as frequências dessas uniões aumentaram e se estabilizaram por um certo período. À luz da nova era dos direitos civis, as uniões inter-raciais experimentaram um crescimento exponencial a partir da década de 1960 em algumas regiões dos Estados Unidos (exceto o Sul), tendo se generalizado a partir de 1970 (Gullickson, 2006).

Num estudo recente, Rosenfeld (2008) também destaca o declínio da endogamia racial norte-americana durante o século XX. Embora sua análise trate de raça, educação e religião, seus achados permitem afirmar que raça ainda é a característica que tem mais força de divisão no mercado de casamentos.

A questão educacional atua de forma importante para a formação das uniões. Embora, nos Estados Unidos, as diferenças raciais por si só sejam bastante distintas das de outros países e do Brasil e, conseqüentemente, também sejam

---

<sup>1</sup> Gullickson (2006) aponta relação explícita com a “Jim Crow law”, lei que em 1890 impôs a segregação racial dos negros nos Estados Unidos, principalmente no sul.

diferentes as características socioeconômicas e demográficas entre os indivíduos de raças/cores diversas, alguns estudos mostram que membros de grupos de baixo *status* racial tendem a se casar com membros de grupos de alto *status* racial se estes podem oferecer um *status* socioeconômico mais alto que compense essa diferença. Nesse caso, é a escolaridade a característica utilizada como um indicador do *status* socioeconômico (Davis, 1941; Merton, 1941; Fu, 2001).

A tendência de aumento na homogamia educacional entre pessoas de maior escolaridade já foi detectada por Schwartz e Mare (2005). Há uma preferência de indivíduos de nível universitário por se casarem com parceiros de mesmo nível educacional do que com parceiros de nível educacional inferior. Já pessoas que estão em níveis de escolaridade intermediários estão mais propensas a se casarem com parceiros de um nível educacional distinto do seu.

Alguns trabalhos mostram que os diferenciais de escolaridade podem afetar as relações inter-raciais, principalmente quando se controla pela idade da população analisada (Gullickson, 2006; Fu, 2001; Qian, 1997), ou seja, homens e mulheres negros com baixo *status* educacional têm menor probabilidade de estarem numa relação inter-racial do que pretos com altos níveis de escolaridade. Além disso, em uniões formadas por homens negros com mulheres brancas, as chances desses homens estarem nessas uniões aumenta com o nível de escolaridade dos homens e diminui com o nível de escolaridade das mulheres (Gullickson, 2006). Isso significa que a escolaridade mais alta dos homens negros pode estar “compensando” o baixo *status* de sua raça/cor.

Assim como a raça/cor e escolaridade, a religião é uma característica que pode representar uma separação conflituosa entre grupos. Além disso, a religião teve um papel muito importante durante os processo de transição demográfica e há uma relação estreita entre religião e etnias, o que pode ser um fator decisivo nos processos de formação familiar, como o casamento e a fecundidade (Weeks, 2005).

Embora tenha havido um aumento nas uniões exogâmicas por religião durante o século XX nos Estados Unidos, principalmente entre católicos e protestantes, essas uniões apresentam taxas mais altas de dissolução se comparadas às uniões cujos cônjuges possuem a mesma fé religiosa (Kalmijn, 1991; Leher e Chiswick, 1993). Ter a mesma religião parece atuar de forma a compensar as diferenças entre os casais. Por outro lado, religiões diferentes podem indicar um outro foco de tensão para o casal. Embora esses estudos não sejam para o Brasil, o efeito que a religião revela ter sobre as uniões deve ser considerado também nos estudos brasileiros.

No Brasil, embora não haja o mesmo nível de segregação racial existente nos Estados Unidos<sup>2</sup>, há poucos estudos que revelem como as características como a religião interferem nas escolhas de casais. A seguir, serão tratados alguns estudos nacionais sobre essas uniões.

---

<sup>2</sup> Silva (1987) destaca que, embora haja distâncias sócio-demográficas que separam os grupos de cor no Brasil, cada indivíduo é avaliado por sua cor, e não por seus ancestrais, diferentemente do ocorrido nos Estados Unidos. O autor acredita que a forma como se deu miscigenação brasileira fez com que a segregação racial não se desenvolvesse de forma explícita, por meio da aplicação de uma regra de descendência rígida, como a ocorrida nos Estados Unidos.

## 2.2 Evidências para o Brasil

Na sociedade brasileira, como já apontado, cor e posição socioeconômica são características altamente relacionadas entre si. Nesse caso, o casamento no Brasil pode estar muito mais ligado à homogamia de classe se comparada à homogamia racial. A idéia de “distância social” de Silva (1987) joga um papel crucial para o estudo das uniões. Essa distância pode incorporar tanto os diferenciais socioeconômicos quanto outros tipos de diferenciação entre os grupos, como geográficas e culturais (que também englobam as questões de preconceito, inclusive racial).

Trazendo essa análise para os casamentos inter-raciais, é possível encontrar alguns indicativos desse padrão para o caso brasileiro. Há uma predominância de casamentos exogâmicos nos quais a mulher é de uma raça/cor mais clara que o homem e, quanto mais elevada a classe social, maior é a resistência a esse tipo de união. Por isso, o casamento pode ser uma forma de mobilidade social, no qual um homem de uma raça/cor mais escura, por exemplo, proveniente de uma classe mais baixa almeje se unir a uma mulher mais clara, de modo que os frutos dessa união, inclusive filhos, possam legitimar sua mudança de *status* dentro da sociedade (Silva, 1987).

Os achados de Oliveira et al. (2006) para o Brasil em 2000 convergem com os achados de Silva (1987) no que diz respeito à distância social. Segundo as autoras, quanto maior a distância social entre os indivíduos, menores são as chances deles se unirem, sendo os indivíduos de características sociais “menos” favorecidas os mais propensos a uniões endogâmicas.

Além desses resultados, uma contribuição importante desse trabalho é a relação das uniões inter-raciais com o *status* marital. Quando comparadas aos casamentos formais, as uniões consensuais apresentam maior exogamia racial, indicando uma maior flexibilidade na formação da união. Num estudo somente para o estado de São Paulo, Lazo (1990) encontrou resultados semelhantes utilizando taxas de endogamia por anos de estudo. Esses resultados parecem refletir que as uniões consensuais possuem um padrão diferenciado dos casamentos formais na escolha do parceiro.

Embora, no Brasil, os casamentos não estejam pautados na endogamia racial, há uma alta proporção de casamentos endogâmicos e baixas taxas de intercâmbio marital entre os grupos de classificação de raça/cor distinta (Costa, 2002). Na década de 1990, aproximadamente 80% dos casamentos eram endogâmicos, sendo que a maior proporção era entre os brancos e a menor entre os pretos (percentuais de 84% e 61%, respectivamente) (Petrucci, 1999). No entanto, se houver ponderação pelo tamanho das populações, ou seja, se for desconsiderado o diferencial de tamanho entre a população branca e a população preta, a situação se inverte: o grupo de cor preta é o mais endogâmico (Petrucci, 2001). Isso mostra que os pretos acabam se casando mais dentro do seu próprio grupo de raça/cor se for considerado que, por fazerem parte de um percentual pequeno da população, e dadas as chances de escolha do parceiro serem maiores entre outras opções de raça/cor (brancos, pardos, amarelos e indígenas), o fato de mais da metade dos casamentos serem entre pessoas de raça/cor preta é um forte indicador da preferência pela endogamia.

No caso das mulheres, há um componente racial que as diferencia no mercado de casamento. Berquó (1988; 1991) mostra que a situação das mulheres pretas mostra-se mais competitiva no mercado matrimonial, se comparada à situação das mulheres brancas e pardas. As mulheres pretas se casam mais tarde, há uma maior proporção de celibato e também de viuvez (conseqüência da sobremortalidade masculina diferenciada pela cor, ou seja, homens pretos morrem em maior proporção). Essa situação não tem apresentado modificações significativas com o tempo (Costa, 2002).

De modo geral, uma breve análise das uniões inter-raciais no Brasil revela que, apesar de haver uma taxa relativamente baixa de casamentos entre pessoas de raça/cor distintas<sup>3</sup>, tem aumentado nos últimos anos a proporção de uniões exogâmicas em todos os grupos raciais em relação ao total de casamentos. No entanto, embora esse aumento tenha acontecido para todos os grupos raciais, não há uma integração completa entre as categorias de raça/cor, pois as uniões inter-raciais dos brancos ocorrem em maior proporção com os pardos (Telles, 2003; Longo, 2011).

Os aspectos socioeconômicos são bastante enfatizados e relacionados ao estudo das uniões. Apesar de estar havendo um recrudescimento desses estudos, há ainda lacunas importantes. Longo (2011) mostra que a escolaridade e a religião dos indivíduos são características importantes no processo de escolha do parceiro, principalmente para uniões intra e inter-raciais. Além disso, o tipo de união (formal ou informal) também é um aspecto bastante relevante para se analisar a própria união.

Todas as informações, entretanto, têm como base as uniões brasileiras. Minas Gerais, por ser um estado mais “tradicional” do ponto de vista cultural (Longo e Miranda-Ribeiro, 2008) e, conseqüentemente, da formação das uniões, teria um padrão de formação de união diferenciado? A análise da proporção das uniões e das taxas de endogamia e exogamia por raça/cor, escolaridade e religião pode ajudar a responder essa pergunta.

### **3 Dados e metodologia**

#### **3.1 Preparação da base de dados**

Os dados censitários são os mais adequados para a realização deste estudo, por cobrirem de forma mais completa as características que se pretende investigar. Na verdade, os dados que permitem realizar a análise das uniões são os dados da amostra do Censo Demográfico, à qual foi aplicado o questionário mais completo, com um número maior de informações individuais, tais como raça/cor, escolaridade e religião.

---

<sup>3</sup> Embora baixas, as taxas de união inter-racial são maiores no Brasil se compararmos às taxas dos Estados Unidos e da África do Sul (Telles, 2003).

O foco de estudo será nas mulheres de 20 a 29 anos e seus maridos ou companheiros. A escolha dessa coorte se deve ao fato de que a idade à primeira união, tanto formal quanto consensual, ocorre nesse intervalo etário. Além disso, ao analisar essas mulheres, espera-se que a união tenha acontecido há relativamente pouco tempo e, nesse caso, minimiza-se eventuais mudanças na escolaridade e na religião declarada pela mulher. Em outras palavras, embora a escolaridade ou a religião declarada no momento do Censo possa ser diferente da escolaridade ou religião no momento da união, a restrição desse grupo etário é importante para minimizar os diferenciais que por ventura possam ter ocorrido desde a escolha do cônjuge.

Assim, foi preciso preparar a base de dados para contemplar apenas o objeto de análise. Seguem passo a passo as etapas realizadas:

- a) em primeiro lugar, foram eliminadas da base de dados todas as mulheres com idades abaixo de 20 anos e acima de 29 anos;
- b) em segundo lugar, foram eliminadas todas as pessoas que se declararam de raça/cor amarela, indígena ou ignorada, que representam menos de 1% da população brasileira;
- c) em seguida, foram mantidos na base de dados apenas os casais heterossexuais dentro de cada família<sup>4</sup>;
- d) o próximo passo foi criar, para cada mulher de 20 a 29 anos, casada ou unida, variáveis referentes às características dos seus maridos ou companheiros, por meio da ligação do número de série do domicílio associado ao número da família;
- e) após a criação de informações dos maridos ou companheiros para todas as mulheres casadas ou unidas, foi possível apagar todos os homens da base de dados, restando apenas as mulheres de 20 a 29 anos com suas características e as características de seus maridos ou companheiros.

As categorias de raça/cor utilizadas são branca, preta e parda. A escolaridade foi medida por nível de instrução, da forma que foi captada pelo Censo. Já para religião as categorias foram agrupadas da seguinte forma: Católica, Protestante (Batista, Metodista, Presbiteriana, Adventista, Luterana, outras Protestantes Tradicionais etc), Pentecostal (Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, outras Pentecostais - Deus é Amor, Maranata, Quadrangular etc) e Sem religião. Outras religiões foram excluídas devido a grande heterogeneidade, que não configuraria uma categoria para endogamia religiosa.

### **3.2 O método**

Antes de se analisar as uniões é preciso padronizar os dados, para evitar interpretações equivocadas em função dos tamanhos diferenciados das categorias analisadas. Por exemplo, os grupos de brancos, pardos e pretos, os níveis

---

<sup>4</sup> Para se fazer a análise das famílias, utilizou-se as variáveis identificadoras da família criadas pelo IBGE (2010) uma vez que durante a coleta dos dados não se identificou a família nos questionários aplicados.

educacionais e as categorias religiosas possuem números distintos de indivíduos. Quando se iguala o tamanho das categorias de raça/cor (ou da escolaridade e religião) de homens e mulheres, é possível identificar um “padrão endogâmico intrínseco” da população. Esse procedimento também torna possível eliminar os efeitos de desequilíbrios na razão de sexo por categoria (Petrucci, 2001 e Oliveira, 2006).

O procedimento de padronização vem de um método iterativo, cujo objetivo é ajustar as tabelas de contingência por meio das distribuições marginais, de modo a manter a mesma associação observada ou estrutura de interação. Esse ajuste deverá terminar quando se obtiver para cada linha e coluna os totais marginais iguais a 100 (Agresti, 1990). Para tornar os padrões de associação mais nítidos, utiliza-se o método IPF (*Iterative Proportional Fitting*), ou método iterativo de ajuste proporcional, que consiste na seguinte rotina:

(1) transformar os valores de cada célula na tabela ( $n_{ij}$ ) em valores iniciais ( $\hat{m}_{ij}^{(0)}$ ) no tempo  $t = 0$ , ou seja,  $\hat{m}_{ij}^{(0)} = n_{ij}$ ;

(2) em cada  $t = 1, 3, 5, \dots$ , deverá ser feita a seguinte multiplicação:

$$\hat{m}_{ij}^{(t)} = \hat{m}_{ij}^{(t-1)} \left( \frac{100}{\hat{m}_{i+}^{(t-1)}} \right) \quad (1)$$

e

$$\hat{m}_{ij}^{(t+1)} = \hat{m}_{ij}^{(t)} \left( \frac{100}{\hat{m}_{+j}^{(t)}} \right) \quad (2)$$

(3) essa multiplicação deverá ser repetida quantas vezes forem necessárias até se obter os totais marginais em cada linha e coluna iguais a 100.

Quando isso acontecer, a tabela está padronizada e todas as demais análises poderão ser feitas. Nesse estudo, foi calculada a taxa geral de endogamia - TGE (soma de todas as uniões endogâmicas dividida pelo total de uniões), a taxa de exogamia feminina negativa – TEFN (soma de todas as uniões nas quais a mulher é de uma característica de maior *status* social do que seu cônjuge), a taxa de exogamia feminina positiva – TEFP (soma de todas as uniões nas quais a mulher é de uma característica de menor *status* social do que seu cônjuge)<sup>5</sup> e as proporções de cada união, considerando a raça/cor da mulher e a raça/cor do homem, o tipo da união (formal ou consensual), a escolaridade da mulher e do homem e a religião da mulher e do homem. No caso da religião, foi calculada apenas a TGE, pois não é possível identificar religiões de maior ou menor *status* social. De forma análoga, tem-se a taxa de exogamia por religião, considerando que são complementares.

<sup>5</sup> Para maiores detalhes, ver Oliveira (2006).



Vale ressaltar que essas três taxas (TGE, TEFN e TEFP) também são complementares, ou seja, o somatório delas deve ser sempre igual a 100. Isso quer dizer que os valores apresentados permitem decompor as uniões identificando a hipo e hipergamia. Os resultados são apresentados a seguir.

## 4 Resultados

### 4.1 Análise geral

De acordo com a amostra do Censo Demográfico 2010, havia 704.795 mulheres em Minas Gerais elegíveis para a análise das uniões conforme os critérios adotados aqui, ou seja, essas mulheres estavam na faixa etária de 20 a 29 anos e unidas a algum parceiro, de forma legal ou não. Os dados podem ser visualizados na Tabela 1.

**Tabela 1**  
**Características das mulheres de 20 a 29 anos**  
**casadas ou unidas - Minas Gerais, 2010**

Variável	mulher (%)	marido ou companheiro (%)
<b>Tipo de união</b>		
Casada	58,5	
Unida	41,5	
<b>Cor/raça</b>		
Branca	41,7	41,8
Preta	9,4	11,2
Parda	48,9	46,9
<b>Escolaridade</b>		
Sem inst./Fund. Incomp.	29,4	41,1
Fund. Comp./Médio Incomp.	24,3	21,8
Médio Comp./Superior Incomp.	38,8	31,0
Superior completo	7,6	6,1
<b>Religião</b>		
Católico	67,2	69,0
Protestante	12,0	10,0
Pentecostal	15,8	13,3
Sem religião	5,1	7,7
<b>Observações</b>	704.795	

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

Do total mulheres mineiras de 20 a 29 em 2010 consideradas neste estudo a maioria era casada (58,5%) e 41,5% estava em união consensual. Em relação à distribuição por raça/cor, maioria era parda (49,9%), 41,7% era branca e 9,4% preta. Seus maridos ou companheiros tinham uma distribuição parecida, embora com percentuais mais altos de pretos (11,2%) e menores de pardos (46,9%). Considerando a escolaridade, há diferenciais importantes, pois as mulheres têm uma distribuição que mostra uma maior proporção com níveis de instrução mais altos. Enquanto 29,4% das mulheres não tinham instrução ou apenas o Ensino

Fundamental incompleto, esse percentual era de 41,1% para os homens. Por outro lado, 7,6% das mulheres tinham o superior completo e o percentual para os homens era de 6,1%. A religião também é uma variável que mostra diferença, pois embora a grande maioria tenha se declarado católica, esse percentual foi mais alto para o homens (69,0% frente a 67,2% das mulheres), assim como os percentuais de sem religião (7,7% para homens e 5,1% para as mulheres). De forma análoga, há percentuais maiores de mulheres protestantes (12,0%) e pentecostais (15,8%) se comparadas aos homens (10,0% e 13,3%, respectivamente). Esse dados mostram que a distribuição das características entre os cônjuges é diferenciada, portanto, há que se esperar que não haja endogamia para todos os casais. Isto posto, torna-se necessário conhecer a distribuição das uniões pelas diferentes características dos parceiros. Para tanto, é necessário ajustar os dados encontrados devido ao tamanho diferenciado dos grupos, conforme já mencionado.

Por exemplo, a Tabela 2B mostra, após os dados serem ajustados, que a maior proporção de uniões intrarraciais (endogâmicas por raça/cor) ocorrem entre os pretos (67,0%), seguida dos brancos (61,7%) e dos pardos (59,6%). Entre os casais exogâmicos, a união mais frequente é entre a mulher branca e o homem pardo (24,0%), seguida da união entre a mulher branca e o homem branco (21,7%). Uniões entre brancos e pretos; e pretos e pardos são as menos frequentes. Isso pode ser explicado, em parte, pela maior endogamia entre os pretos. Esses resultados só podem ser corretamente interpretados após a padronização dos dados, pois, com o tamanho diferenciado dos grupos de raça/cor, o mais comum é encontrarmos os maiores percentuais de endogamia entre os pardos (maior população), como pode ser visto na Tabela 2A. Os menores percentuais são encontrados para as uniões inter-raciais nas quais o homem é preto; no entanto, ao se ajustar os dados, essa diferença das demais uniões inter-raciais se reduz consideravelmente, indicando a importância de se considerar o tamanho dos grupos na análise.

**Tabela 2A**  
**Proporção de uniões por raça/cor para o total**  
**de mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher				
Homem	Branca	Preta	Parda	Total
Branco	27,8	2,5	11,5	41,8
Preto	2,7	4,3	4,2	11,2
Pardo	11,2	2,6	33,1	46,9
Total	41,7	9,4	48,9	100,0
Obs	293.866	66.571	344.357	704.795

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

**Tabela 2B**  
**Proporção padronizada de uniões por raça/cor para o total de mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher				
Homem	Branca	Preta	Parda	Total
Branco	61,7	16,6	21,7	100,0
Preto	14,3	67,0	18,7	100,0
Pardo	24,0	16,4	59,6	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	
Obs	293.866	66.571	344.357	704.795

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

Todos os demais resultados só serão apresentados padronizados, por ser a forma correta de análise e por já terem sido demonstradas aqui as diferenças entre os dados primários e os ajustados. A seguir, serão feitas as análises das proporções das uniões por raça/cor, escolaridade e religião considerando também a natureza das uniões (*status* marital).

#### 4.2 Raça/cor

Como a análise geral das uniões por raça/cor já foi feita no item anterior, dar-se-á destaque para as diferenças entre as uniões formais e as informais nessa seção. Ao se comparar as mulheres casadas e as mulheres unidas, percebe-se claramente uma diferença nas proporções entre as uniões intra-raciais e interraciais. Embora as uniões intra-raciais continuem sendo a maioria para ambos os grupos, há uma maior prevalência de uniões intra-raciais entre as mulheres casadas e, conseqüentemente, uma maior prevalência de uniões inter-raciais entre as mulheres unidas (Tabelas 4 e 5). Esse fato corrobora alguns estudos (Lazo, 1990; Costa, 2004; Oliveira et al., 2006; Longo 2011) que mostram que, quando há a união inter-racial, há uma maior propensão que essa união seja informal.

**Tabela 3**  
**Proporção padronizada de uniões por raça/cor para as mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher				
Homem	Branca	Preta	Parda	Total
Branco	61,7	16,6	21,7	100,0
Preto	14,3	67,0	18,7	100,0
Pardo	24,0	16,4	59,6	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	
Obs	293.866	66.571	344.357	704.795

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

**Tabela 4**  
**Proporção padronizada de uniões por raça/cor para**  
**as mulheres casadas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher				
Homem	Branca	Preta	Parda	Total
Branco	63,7	15,5	20,8	100,0
Preto	12,7	69,5	17,9	100,0
Pardo	23,6	15,0	61,4	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	
Obs	192.067	31.970	188.489	412.526

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

**Tabela 5**  
**Proporção padronizada de uniões por raça/cor para**  
**as mulheres unidas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher				
Homem	Branca	Preta	Parda	Total
Branco	58,0	18,6	23,4	100,0
Preto	16,9	63,8	19,3	100,0
Pardo	25,1	17,6	57,3	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	
Obs	101.799	34.601	155.868	292.269

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

Essa diferença encontrada entre as uniões formais e informais revela que existe um padrão diferenciado de endogamia por raça/cor também para os mineiros. Seria essa diferença apenas baseada na raça/cor ou outras características como escolaridade e religião também parecem ser seletivas? As próximas seções tratam dessas características.

### 4.3 Escolaridade

A Tabela 6 traz a proporção padronizada das uniões por nível de instrução. Nota-se que a maior proporção de uniões endogâmicas se dá para o nível de instrução mais alto, superior completo (73,2%). Em seguida encontra-se o nível de instrução mais baixo, Sem instrução ou Fundamental incompleto (60,2%). Os níveis intermediários de instrução apresentaram valores mais baixos e semelhantes. Esse resultado corrobora os achados internacionais de Schwartz e Mare (2005) e mostra que as pessoas tendem a se unir em maior proporção com seus iguais quando estão nos extremos da escolaridade, ou seja, têm uma escolaridade muito baixa ou muito alta.

**Tabela 6**  
**Proporção padronizada de uniões por nível de instrução para as mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Homem	Mulher				Total
	Sem inst./Fund. Incomp.	Fund. Comp./Médio Incomp.	Médio Comp./Superior Incomp.	Superior completo	
Sem inst./Fund. Incomp.	60,2	26,1	11,9	1,8	100,0
Fund. Comp./Médio Incomp.	24,7	47,2	22,3	5,8	100,0
Médio Comp./Superior Incomp.	13,0	21,3	46,6	19,2	100,0
Superior completo	2,2	5,3	19,3	73,2	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
Obs	206.883	171.070	273.205	53.637	704.795

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

Considerando o *status* marital nessa análise (Tabelas 7 e 8), faz pouca diferença se a união é formal ou não, embora também tenha havido uma redução da endogamia entre as unidas. Nesse caso, o mesmo padrão para o total das uniões impera: casais são mais endogâmicos por escolaridade quando possuem escolaridade mais baixa ou mais alta, revelando uma espécie de segregação pelos extremos. A análise das taxas de endogamia e exogamia que será feita no item 3.5 poderá ajudar a explicar melhor essas diferenças.

**Tabela 7**  
**Proporção padronizada de uniões por nível de instrução para as mulheres casadas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Homem	Mulher				Total
	Sem inst./Fund. Incomp.	Fund. Comp./Médio Incomp.	Médio Comp./Superior Incomp.	Superior completo	
Sem inst./Fund. Incomp.	60,5	25,9	11,7	1,9	100,0
Fund. Comp./Médio Incomp.	24,1	48,0	21,7	6,2	100,0
Médio Comp./Superior Incomp.	13,0	20,3	47,4	19,2	100,0
Superior completo	2,4	5,7	19,2	72,7	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
Obs	94.075	90.157	184.511	43.782	412.526

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

**Tabela 8**  
**Proporção padronizada de uniões por nível de instrução para as mulheres unidas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Homem	Mulher				Total
	Sem inst./Fund. Incomp.	Fund. Comp./Médio Incomp.	Médio Comp./Superior Incomp.	Superior completo	
Sem inst./Fund. Incomp.	59,1	26,1	12,9	2,0	100,0
Fund. Comp./Médio Incomp.	25,0	45,6	23,7	5,8	100,0
Médio Comp./Superior Incomp.	13,7	23,0	43,6	19,7	100,0
Superior completo	2,3	5,4	19,8	72,5	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
Obs	112.807	80.913	88.694	9.855	292.269

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

#### 4.4 Religião

A Tabela 9 mostra a distribuição das uniões por religião. A endogamia religiosa é maior do que por raça/cor e por escolaridade. Nesse caso, os protestantes são os que mais se unem entre si, seguidos pelos pentecostais. De qualquer forma, os percentuais para católicos e sem religião também são bem altos, revelando a importância de ser ter a mesma religião (ou mesma perspectiva religiosa) para o favorecimento das uniões.

Os menores percentuais são encontrados para as uniões entre protestantes e pentecostais. Embora ambos adotem a denominação conjunta de “evangélicos”, esse não parece ser um fator que contribua para as uniões.

**Tabela 9**  
**Proporção padronizada de uniões por religião para as mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher					
Homem	Católico	Protestante	Pentecostal	Sem religião	Total
Católico	86,2	3,9	4,5	5,5	100,0
Protestante	4,5	90,6	1,6	3,2	100,0
Pentecostal	4,4	1,3	89,0	5,3	100,0
Sem religião	4,8	4,3	4,9	86,0	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
Obs	473.610	84.256	111.131	35.798	704.795

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

A análise por *status* marital traz informações importantes. Embora os percentuais de endogamia religiosa sejam altos para casadas e unidas, é nitidamente superior para as casadas formalmente, mantendo os maiores percentuais para protestantes e pentecostais.

**Tabela 10**  
**Proporção padronizada de uniões por religião para as mulheres casadas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

Mulher					
Homem	Católico	Protestante	Pentecostal	Sem religião	Total
Católico	89,5	3,1	3,3	4,1	100,0
Protestante	3,6	92,4	1,4	2,6	100,0
Pentecostal	3,0	1,0	91,0	5,0	100,0
Sem religião	3,9	3,5	4,3	88,4	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	
Obs	262.371	60.919	76.962	12.274	412.526

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

**Tabela 11**  
**Proporção padronizada de uniões por religião para**  
**as mulheres unidas de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

		Mulher				
Homem	Católico	Protestante	Pentecostal	Sem religião	Total	
Católico	80,5	6,0	7,1	6,5	100,0	
Protestante	6,9	85,6	2,5	5,0	100,0	
Pentecostal	7,2	2,1	83,9	6,8	100,0	
Sem religião	5,5	6,3	6,6	81,7	100,0	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0		
Obs	211.239	23.337	34.169	23.524	292.269	

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

Esses achados reforçam a ideia de que relações mais flexíveis, do ponto de vista do tipo de união, também podem ser estendidas às questões raciais e religiosas e, em menor intensidade, à escolaridade. É importante destacar que, quando se comparam as mulheres unidas às casadas, todos os percentuais indicadores de endogamia se reduzem. A análise das taxas de endogamia e exogamia pode ajudar a ampliar essa análise.

#### 4.5 Taxas de endogamia e exogamia

Embora as proporções sejam importantes para caracterizar o padrão das uniões, os diferenciais por raça/cor, escolaridade e religião são melhor identificados quando se analisam as taxas de endogamia e exogamia.

A Tabela 12 mostra as taxas de endogamia e exogamia calculadas após a padronização dos dados.

Considerando o total de mulheres, a taxa geral de endogamia por raça/cor é de 61,2% e a taxa de exogamia é maior para a exogamia feminina negativa. Isso significa que entre as uniões exogâmicas por raça/cor, há uma maior proporção daquelas nas quais a mulher se casa/une a um parceiro de uma raça/cor de menor *status* social do que a dela - hipogamia. Ao separar as mulheres pelo tipo de união, reforça-se uma diferença importante: a taxa de endogamia é maior entre o grupo das casadas em comparação as unidas.

No caso da escolaridade, um pouco mais da metade das uniões (52,8%) ocorrem de forma endogâmica. Entre as uniões exogâmicas, nesse caso, a maior parte é positiva, ou seja, a mulheres se casam/unem a parceiros de um nível de instrução maior - hipergamia. Ao se analisar as diferenças pelo *status* marital, percebe-se que entre as casadas praticamente não há diferenças entre as taxas de exogamia negativas ou positivas, mas entre as unidas há uma proporção maior de endogamia positiva. Isso pode estar relacionado à idade dos parceiros, uma vez que uniões nas quais a mulher é mais jovem do que o homem, sua escolaridade também será. No entanto, como a idade não foi um atributo investigado neste trabalho, não há como confirmar essa hipótese.

Para a análise da religião, a taxa geral de endogamia é a mais alta das características investigadas (87,1%). Considerando o *status* marital, fica mais evidente a influência da religião, pois a endogamia religiosa é mais alta entre as mulheres casadas formalmente. Como as uniões informais podem ser consideradas mais flexíveis em relação às normas da sociedade, este pode ser considerado um indício de que os casais nessa situação sejam mais abertos a se unirem a parceiros que possuem alguma diferença de religião. Em outras palavras, as taxas de exogamia maiores para as unidas podem indicar uma maior aceitação de diferenças entre os parceiros.

**Tabela 12**  
**Taxa geral de endogamia e taxa exogamia positiva e negativa**  
**por raça/cor para mulheres de 20 a 29 anos - Minas Gerais, 2010**

	Taxas padronizadas		
	TGE	TEFN	TEFP
<b>Raça/cor</b>			
<i>total</i>	61,2	25,1	13,7
casadas	63,1	25,1	11,9
unidas	58,3	24,9	16,8
<b>Escolaridade</b>			
<i>total</i>	52,8	21,6	25,6
casadas	53,2	23,5	23,3
unidas	51,1	19,2	29,7
<b>Religião</b>			
<i>total</i>	87,1	-	-
casadas	90,2	-	-
unidas	81,4	-	-

Fonte: Elaborada pela autora, dados básicos IBGE (2010)

De modo geral, as taxas de exogamia são maiores para as mulheres em uniões informais independente da característica investigada. Isso pode ser um indicativo de que a aceitação das diferenças, sejam elas físicas, culturais ou de crença, é mais habitual quando algumas barreiras são quebradas.

## 5 Considerações finais

O aumento das uniões inter-raciais nas últimas décadas é um fato empiricamente constatado tanto no Brasil quanto em outros países. Isso pode significar que a transposição das barreiras sociais tem sido favorecida e, mais ainda, que as escolhas dos parceiros tem se pautado em preferências individuais e que essas preferências estão cada vez mais flexíveis.

Embora alguns estudos tenham destacado esses resultados para o Brasil, os padrões de nupcialidade entre os mineiros ainda carecem de serem mais investigados. Esse trabalho procurou contribuir para essa lacuna pela análise dos dados do Censo Demográfico 2010 buscando conhecer como se dão as uniões considerando as características dos casais mineiros. Com essa finalidade, foram



calculadas as taxas de endogamia e exogamia considerando a raça/cor, a escolaridade e a religião dos cônjuges, características importantes para a formação das uniões. Os resultados sugerem que religião é a característica mais importante para a formação das uniões, considerando que, entre as uniões analisadas, as maiores taxas de endogamia foram encontradas para casais de mesma religião independente de seu *status* marital (casado ou unido).

Raça/cor, nível de instrução, religião e *status* marital são características importantes no processo de escolha do cônjuge e também por representarem, de certa forma, atributos pessoais, convivência e grau de comprometimento da união, que são componentes importantes para a interação do casal. Em todas as análises feitas, as uniões informais foram as que apresentaram as maiores taxas de exogamia, seja ela por raça/cor, escolaridade ou religião.

A questão do *status* marital se mostra bastante importante para o estudo das uniões também entre os mineiros. Embora não seja possível estabelecer uma relação de causalidade, dois pontos precisam ser destacados em relação à formalidade da relação. Primeiramente, casais em união consensual podem ser propensos a dar menor importância às normas, e isso se refletiria também nas questões raciais, educacionais e religiosas, principalmente. Ou seja, casais em uniões informais estariam também mais abertos a relações exogâmicas, vis-à-vis, casais em uniões formais. No entanto, há um outro ponto que merece menção: as relações exogâmicas podem ainda carregar uma carga social pesada e sua formalização perante a sociedade pode ser protelada ou mesmo evitada. Daí a maior proporção de uniões exogâmicas entre casais em união consensual.

Na análise por raça/cor, as relações mais endogâmicas ocorrem entre os pretos, seguidos dos brancos e pardos. As taxas de exogamia são maiores entre as uniões informais e tendem a ser negativas para as mulheres. Se há uma compensação de algumas características pessoais por meio da união, pode-se imaginar que indivíduos de uma raça/cor de menor *status* social teriam que compensar o parceiro com alguma característica que estabelece uma certa “vantagem” para o outro parceiro. No entanto, na análise feita aqui, não é possível fazer esse tipo de afirmativa. O que se pode afirmar é, considerando as uniões exogâmicas como uma quebra das fronteiras sociais, ela será mais frequente em situações nas quais há o rompimento de outras barreiras, como a formalização do casamento. Isso significa que há uma maior prevalência das uniões inter-raciais entre grupos que provavelmente dão menos importância às questões formais. No entanto, não há como estabelecer uma relação de causalidade, pois não há uma ordem de escolhas.

Para a análise do nível de instrução, encontrou-se as menores taxas de endogamia e também uma diferença menor entre casadas e unidas. Destaca-se, nesse caso, a tendência de uniões endogâmicas em maior proporção entre os que têm uma escolaridade muito baixa ou muito alta.

Quanto ao aspecto religioso, os resultados mostram que ter a mesma religião do parceiro favorece as uniões, pois mais de 80% delas os parceiros têm a mesma religião, independente de ser uma união formal ou não. As maiores proporções de

uniões endogâmicas são encontradas entre os protestantes e entre os pentecostais, embora as uniões entre esses dois grupos sejam as menos prevalentes.

De modo geral, em Minas Gerais, as uniões seguem o padrão brasileiro: uniões endogâmicas por raça/cor, escolaridade ou religião são mais comuns entre os casais formais; de modo análogo, as uniões exogâmicas são mais comuns entre casais em uniões informais. Esses resultados enfatizam a questão das barreiras sociais: uma vez quebradas, elas parecem ter menos importância em todos os aspectos da escolha de um parceiro também entre os mineiros.

A heterogeneidade dos grupos, seja ela racial, educacional ou religiosa, parece ser um ponto importante para as relações maritais, principalmente para as uniões não formais. Mais do que isso, a convivência com as diferenças pode ser um indicativo importante do grau de diversidade de uma sociedade, uma vez que os frutos de uma união inter-racial, por exemplo, serão marcadamente o retrato da quebra das fronteiras raciais. Espera-se futuramente investigar de forma mais abrangente como as escolhas são feitas e se há algum mecanismo de compensação envolvido.

## 6 Referências

AGRESTI, A. *Categorical data analysis*. New York: John Wiley & Sons, 1990. 558 p.

ALBA, R. D., GOLDEN, R. M. Patterns of ethnic marriage in the United States. *Social Forces*, v. 65, p. 202-223, 1986.

BECKER, G.S. *A treatise on the family*. 2.ed. Cambridge; London: Harvard University Press, 1981. Cap. 4.

BERQUÓ, E. Demografia da desigualdade: algumas considerações sobre os negros no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6, 1988, Olinda, PE. *Anais*. Belo Horizonte: ABEP, 1988, v.3, p.89-110.

BERQUÓ, E. Como se casam negros e brancos no Brasil. In: LOVELL, P.A. (Org.) *Desigualdade racial no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1991. p.115-20.

COSTA, C.S. Pirâmide da solidão ou pirâmide dos não-casados? Cor e estado conjugal na terceira idade no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS: 13, 2002, OURO PRETO, MG. *Violências, o estado e a qualidade de vida da população brasileira: anais*. Belo Horizonte: ABEP, 2002. 1 CD-ROM.

COSTA, C.S. *Uniões informais no Brasil em 2000: uma análise sob a ótica da mulher*. 2004. 67 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

DAVIS, K. Intermarriage in Caste Societies. *American Anthropologist*, v.43, p. 376-395, 1941.

FU, V.K. Racial intermarriage pairings. *Demography*. v. 38, n. 2; p. 147-160, May 2001.

FU, X; TORA, J.; KENDALL, H. Marital Happiness and Inter-Racial Marriage: A Study in a Multi-Ethnic Community in Hawaii. *Journal of Comparative Family Studies*. v. 32 n. 1, p. 47-60, 2001.

GROSSBARD-SHECHTMAN, S. *On the economics of marriage: a theory of marriage, labor and divorce*. Boulder, CO: Westview, 1993. Cap. 8.

GULLICKSON, A. Education and black-white interracial marriage. *Demography*, v. 43, n. 4; p. 673-689, Nov 2006.

IBGE. *Censo Demográfico: microdados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KALMIJN, M. Shifting boundaries: trends in religious and educational homogamy. *American Sociological Review*, Albany, v. 56, n. 6, p. 786-800, Dec. 1991.

KALMIJN, M. Intermarriage and homogamy: causes, patterns, and trends. *Annual Review of Sociology*, v. 24, p. 395-421, 1998.

KALMIJN, M.; F. van TUBERGEN. Ethnic intermarriage in the Netherlands: Confirmations and refutations of accepted insights. *European Journal of Population*, 22, 371-397, 2006.

KENNEDY, R. J. R. Single or triple melting pot? Intermarriage trends in New Haven, 1870-1940. *American Journal of Sociology*, v. 49, p. 331-339, 1944.

LAZO, A. C. G. V. *A Endogamia dos Casais Estado de São Paulo - 1984*. 1990. 16 p. (Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG – Brasil, 1990). Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1990/T90V01A10.pdf>

LEHER, E.L.; CHISWICK, C. U. Religion as a determinant of marital stability. *Demography*, Chicago, v. 30, n. 3; p. 385-404, Aug. 1993.

LONGO, L., MIRANDA-RIBEIRO, P. *A tradicional família mineira? Um estudo exploratório da Raça/cor dos responsáveis pelos domicílios em Minas Gerais para 2006*. In: Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira, Minas Gerais, 26 a 29 de agosto de 2008.

LONGO, L. A. F. B. *Unões intra e interraciais, status marital, escolaridade e religião no Brasil: um estudo sobre a seletividade marital feminina, 1980-2000*. 2011. 299 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MERTON, R. K. Intermarriage and the Social Structure: Fact and Theory. *Psychiatry*, v.4, p. 361-374, 1941.

OLIVEIRA, R.V.C. *Modelos de Goodman para a análise de endogamia de cor*. Brasil 2000. 2006. Dissertação (Mestrado em estudos populacionais e pesquisas sociais) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, R. V. C., MAGALHÃES, M. S., LAZO, A. C. G. V. *Modelos de Goodman: Perfis das uniões pela cor dos casais*. 2006. 22 p. (Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 18 a 22 de Setembro de 2006). Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_309.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_309.pdf)

PETRUCELLI, J.L. Casamento e cor no Brasil atual: a reprodução das diferenças. In: I e II CONCURSO NACIONAL DE MONOGRAFIAS SOBRE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. Brasília: CNPD, 1999. v.1, p. 29-45.

PETRUCELLI, J.L. Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 23, n. 1, p. 30-51, 2001.

RIBEIRO, C. A. C.; SILVA, N. V. Cor, educação e casamento: tendência da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p.7-51, 2009.

QIAN, Z. Breaking the racial barriers: variations in interracial marriage between 1980 and 1990. *Demography*, v. 34, n. 2, p. 263-276, 1997.

SILVA, N.V. Distância social e casamento inter-racial no Brasil. *Estudos Afro-asiáticos*. n. 14, 1987.

SCHWARTZ, C. R.; MARE, R. D. Trends in education assortative marriage from 1940 to 2003. *Demography*, Chicago, v. 42, n. 4, p. 621-646, Nov. 2005.

TELLES, E.E. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003. cap. 5 e 8.

WEEKS. J. R. The family and household transition. In: WEEKS, J. R. *Population: an introduction to concepts and issues*. Belmont: Wadsworth/Thomson Learning, 2005. cap. 10.